

Bobbio, Norberto. *O futuro da democracia (uma defesa das regras do jogo)*. Trad. Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986. 171 p.

*O futuro da democracia*, do cientista político italiano Norberto Bobbio (1909), reúne sete ensaios publicados entre 1978 e 1984 sobre as chamadas "transformações" da democracia ocorridas nos últimos 40 anos. No principal ensaio, que dá título ao livro, o autor discute as transformações da democracia sob a ótica de "promessas não-cumpridas" ou de contraste entre a democracia ideal (tal como concebida por seus pais fundadores) e a democracia real. Para ilustrar melhor, Bobbio cita Pasternak, que põe na boca de Gordon, o amigo de Jivago, as palavras conclusivas do romance: "Aconteceu mais vezes na história. O que foi concebido como nobre e elevado tornou-se matéria bruta. Assim a Grécia tornou-se Roma, assim o iluminismo russo tornou-se a revolução russa." É exatamente dessa "matéria bruta" que se deve falar, tornando elucidativo o exame do contraste entre o prometido e o efetivamente realizado. Nesse sentido, estão aí as principais "promessas não-cumpridas" da democracia, tais como a sobrevivência do poder invisível (no caso italiano, a máfia, a camorra, lojas maçônicas anômalas, serviços secretos incontroláveis), a permanência das oligarquias, a participação interrompida, a revanche da representação dos interesses e o cidadão não-educado (ou mal-educado). Apesar desses senões, após a II Guerra aumentou progressivamente o espaço dos regimes democráticos e o conteúdo mínimo do estado democrático não encolheu, sendo

características a garantia dos principais direitos de liberdade, a existência de vários partidos em concorrência entre si, as eleições periódicas com base no sufrágio universal, as decisões coletivas ou tomadas com base no princípio da maioria.

Merecem destaque, ainda, três outros ensaios: Democracia representativa e democracia direta, Os vínculos da democracia — em que os partidos políticos surgem como os únicos sujeitos autorizados a funcionar como elos de ligação entre os indivíduos e o governo — e governo dos homens ou governo das leis?, onde Bobbio reitera que direito e poder são as duas faces da mesma moeda, pois "só o poder pode criar o direito e só o direito pode limitar o poder".

Fazendo ardorosa profissão de fé na democracia, apesar das "dívidas" não-resgatadas, Bobbio — que já tem editados no Brasil, entre outros, *Teorias das formas de governo e Qual socialismo?* — conclui, ponderando que "mesmo a democracia mais distante do modelo (ideal) não pode ser de modo algum confundida com um Estado autocrático e, menos ainda, com um totalitário".

Afrânio Mendes Catani

Professor na Faculdade de Educação da Unicamp.

Santos, Jair F. dos. *O que é pós-moderno*. São Paulo, Brasiliense, 1986. 111 p. (Coleção Primeiros Passos, n.º 165.)

O detonar do artefato atômico, liberando forças destrutivas, até então desconhecidas e inimaginadas pelas massas trouxe a perplexidade, o pasmo e a desconfiança ao homem moderno. Premido por duas longas e dilacerantes guerras, que paradoxalmente tiveram seu fim determinado pela força que viria a constituir seu pesadelo, o homem moderno se desreferencializa, perde contato com o real. Cede o terreno onde estava plantado o alicerce básico de suas crenças e valores e com ele desmorona a estrutura toda.

E o que vem depois?

Esta é a resposta que dá Jair Ferreira dos Santos nesta pequena grande obra que tem a virtude de ser abrangente e, ao mesmo tempo, didática.

A partir de meados da década de 50, em um gênero cultural após outro, até mostrar-se visível em todos, já nos anos 80, fatos como a descoberta do ADN, o desenvolvimento do *chip*, o Sputnik, a pílula, o motel, a minissaia, o *marketing*, a expansão das metrópoles e das classes médias consumidoras e o uso em escala da tecnologia em aparelhos domésticos e de entretenimento fazem emergir um movimento batizado pelos perplexos sociólogos de *pós-moderno* (termo cunhado por Toynbee em 1947).

O pós-moderno nasce como oposição ao moderno. O primado da ciência, da razão, do progresso entra em agonia.

Desreferencializado, isto é, manipulando cada vez mais signos em vez de coisas reais, e dessubstancializado, ou seja, sem substância interior, o indivíduo pós-moderno tem seu leme conduzido por um feixe de valores que são antitéticos. O niilismo torna-se uma bandeira.

O cotidiano banalizado, a antiarte, a desestatização, a figuração, o pastiche, a participação do público, o cômico, a paródia são algumas das constantes nas manifestações pós-modernistas, seja nas artes plásticas, no cinema, na música, ou na literatura.

O pós-moderno promove a derrocada das grandes idéias e valores que suportavam as principais instituições ocidentais. Deus, ser, verdade, família. É em Nietzsche, na semiologia, no ecletismo Marx com Freud que pensadores como Derrida, Deleuze, Lyotard, Baudrillard se armaram para desconstruir os princípios e concepções do pensamento ocidental e desenvolver temas até então considerados marginais, como: desejo, loucura, sexualidade, poesia.

O homem pós-moderno é predominantemente *cool*, apático, não se entrega ao movimento de classes, não lhe interessa o poder; tem suas raízes fincadas no momentâneo. Ele é um narcisista, descontraído, desenvolto, de identidade móvel. Seu ambiente é dominado pela tecnociência. Vive no simulacro das coisas, alimenta-se de signos.

O que advém disso tudo?

"Sem identidade, hierarquias no chão, estilos misturados, a pós-modernidade é isto e aquilo, num presente aberto pelo e. A tecnociência avança, maravilhosa, programando tudo, mas sem rumo. O sujeito blip, sem perseguir uma identidade única, harmoniosa, vive a vida justapondo lado a lado suas vivências: e, e, e, e. Vivências pequenas, fragmentárias, porque não se crê mais em totalidades ou valores maiúsculos tipo Céu, Pátria, Revolução, Trabalho, mas se prestigia a prática na micrologia do cotidiano. Assim posto, enfim, o pós-modernismo continua a flutuar no indecível. Não há como decidir. Fim do moderno e começo do pós-moderno. É demônio terminal e anjo anunciador. Na condição

pós-moderna, como já se disse, a vida não é um problema a ser resolvido, mas experiências em série para se fazer. Abertas ao infinito pelo pequenino e" (p. 111).

*José Carlos da Silva Busto*

*Aluno do Curso de Mestrado em Administração da EAESP-FGV.*

*Giannotti, J.A. A universidade em ritmo de barbárie.* São Paulo, Brasiliense, 1986. 113p.

Raramente se falou tanto, entre nós, a respeito da "crise da universidade". Os estudantes contestam o ensino que recebem, os professores sentem-se pouco satisfeitos com suas funções e salários e a sociedade faz recair sobre a instituição universitária a expectativa de contribuições decisivas para a solução de seus problemas. Na tentativa de compreender esta situação, pelo menos duas questões se impõem: primeiramente, a de se saber quais são os limites possíveis para a atuação da universidade, numa sociedade como a nossa, e em segundo lugar, a de indagar o que está ocorrendo, de fato, no interior das escolas superiores de modo a permitir que se fale em "crise".

José Arthur Giannotti propõe-se a examinar tais questões, levando em conta suas próprias idéias e anseios com relação à vida universitária, da qual sempre participou, e a sua experiência enquanto membro da comissão que estudou um novo estatuto para a Universidade de São Paulo e do grupo nomeado pelo MEC para formular uma nova política para a educação superior brasileira. Dividido em seis capítulos, *A universidade em ritmo de barbárie* começa por justificar seu título: o que são os "tempos bárbaros"? Tema do primeiro capítulo, este problema é apresentado a partir das confusões teóricas que pode engendrar, daí a observação do autor: "A barbárie não seria (...) retroceder ao estado dos selvagens, à abolição de qualquer legalidade, mas à dissolução dela, sua transformação em mero expediente de domínio, instrumento *ad hoc* de controle social" (p. 10). Pergunta-se o autor se o Brasil dos últimos tempos não seria a encarnação perfeita desse estado.